

Relacionamentos dentro e fora de uma rede social digital: análise dos participantes do grupo Seven

André Luiz Silva Peruzzo

Carolina Sogayar de Siqueira

Giovanna Vidmar

Hugo Otávio Cruz Reis

Lívia Wu

Thiago Ryuichi Hirata

RESUMO

O surgimento da internet favoreceu o contato entre indivíduos de grupos específicos, permitindo-lhes formar novos laços sociais. Com base nisso e em discussões teóricas, o trabalho investiga diferenças e semelhanças comportamentais nas interações on-line e off-line de um grupo LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros) do Facebook, o *Seven-USP*, a fim de perceber tendências apontadas como hipóteses. Os procedimentos metodológicos combinaram observações, questionário quantitativo e entrevistas qualitativas. Dentre os resultados, destaca-se que, embora as mudanças comportamentais na comparação entre o contexto on e off-line não sejam generalizadas, há uma *edição* do que se expressa no meio on-line, bem como maior probabilidade do indivíduo assumir posturas mais fortes ou agressivas nesse âmbito.

Palavras-chave: relacionamentos; internet; comunidades virtuais; sexualidade; identidade.

LOGIN / Introdução

Ao longo do tempo, a internet, assim como outros meios de comunicação, alavancou transformações profundas no comportamento social das pessoas em todo o mundo. Com isso, certos hábitos e costumes próprios das relações sociais entre os indivíduos adquiriram novas configurações, devido ao contato com o ciberespaço e ao modo de apropriação dessa tecnologia pelos usuários, que permitia formas até então desconhecidas de socializar.

Nesse sentido, uma conversa, por exemplo, considerada uma interação entre indivíduos que primava pelo contato face a face, adquiriu um correspondente simbólico na sociedade em rede. O homem pode, atualmente, se relacionar e conversar com outras pessoas instantaneamente, conhecidas ou não, em qualquer parte do planeta, por meio de e-mails, chats, tweets, Skype, mensagens no Facebook, alcançando novos tipos e graus de relações.

Esse fenômeno, que dinamizou o fluxo de informações na rede, deu margem à gradativa formação de comunidades virtuais que, constituindo conglomerados vivos e organizados em torno de um tema específico, unem indivíduos que compartilham entre si interesses similares em relação a determinado assunto.

Assim como as comunidades primitivas, que visavam à autopreservação dos indivíduos, os grupos organizados no mundo virtual permitem a afirmação das identidades comunitária e particular, ao estabelecer laços de solidariedade entre seus membros. Por razões como essas, a rede de relacionamentos é um potencial conglomerado no ciberespaço, isto é, uma comunidade virtual capaz de se fragmentar em grupos menores e mais específicos.

Acerca do tema das comunidades virtuais na internet não faltam estudos – desde o clássico de Turkle (1995) que destacou um fenômeno que fascinou os investigadores: as possibilidades de anonimato na internet, principalmente nos casos de comunidades em que a interação física, presencial, entre os membros era inexistente. Hoje, porém, existe a necessidade de saber mais e refletir a respeito de um novo híbrido: a comunidade virtual que é, também, não virtual. Nesse caso, não há anonimato – inclusive por características de plataformas digitais que tentam impedir isso. Nessa perspectiva, encontramos um objeto de estudo relevante: o grupo *Seven-USP*, na rede social Facebook.

Sinteticamente, é possível caracterizar esse objeto empírico da pesquisa como um grupo virtual com cerca de 1,6 mil membros (em junho de 2012), majoritariamente de estudantes homossexuais da Universidade de São Paulo (USP), e que visa promover a integração entre eles. Por motivos de discrição, o grupo é aberto somente para usuários que sejam convidados por outros membros, ou seja, os demais usuários da rede social não visualizam as publicações ou o pertencimento do indivíduo ao *Seven*. O nome do grupo, por sua vez, faz alusão às sete cores do arco-íris, símbolo do movimento LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros).

Uma vez que apenas os membros têm acesso ao grupo, são eles os encarregados pela adição de novos integrantes. Isso geralmente ocorre entre amigos ou conhecidos, de preferência quando há intimidade o suficiente para se ter certeza da orientação sexual do convidado. Por outro lado, os indivíduos que não se sentem à vontade no grupo podem retirar-se sem nenhum tipo de represália, por meio de configurações do próprio Facebook.

Como todo grupo de grande porte, o *Seven-USP* possui *regras* para a convivência harmônica dos membros, como a proibição de pornografia e recomendações de que se evitem discussões públicas. Outra característica do grupo é a notificação de festas e encontros de confraternização: os membros do *Seven* promovem eventos entre o grupo, contando, inclusive, com infraestrutura de locomoção (vans e ônibus).

MAINFRAME / Exposição do problema de pesquisa

A atividade científica da pesquisa em comunicação se estrutura na órbita de um objeto específico, que demandará a atenção dos pesquisadores no sentido de levantar e construir hipóteses, articular proposições, desenvolver problemáticas; enfim, abrir caminhos rigorosos, devido à característica *líquida* dos objetos de estudo comunicacionais. Esta pesquisa se desenvolve, por isso, articulando referências teóricas e observações, tendo sempre em vista a necessária vigilância epistemológica, como aponta Lopes (2009).

Assim, temos como foco o comportamento on-line e off-line dos membros de um grupo privado do Facebook, o *Seven-USP*, justamente para estudar como funciona a ligação entre indivíduos que não se conhecem, mas se sentem ligados por características em comum. Buscamos verificar como se dá a formação de suas identidades, partindo da *persona* criada e como essa relação iniciada pela tela transfere-se para o mundo físico.

A proposição enunciada suscita diversas questões. Sobretudo, ela se insere de modo explícito no campo da Comunicação, não apenas por tratar da interação entre os meios de comunicação analógico (mundo físico) e digital (mundo virtual), mas, principalmente, por discutir o dilema da (in)comunicabilidade (dos meios de comunicação) contemporânea; os usos dos instrumentos de comunicação e de como eles interferem na identidade individual e nas relações humanas. A partir disso, se evidenciam aspectos presentes, mas pouco entendidos em nossa sociedade, como a solidão, a fuga da realidade do mundo físico, a afirmação de um comportamento diferente (como a homossexualidade) da maioria, etc.

Objetivos

O trabalho tem como objetivo geral:

- Identificar e analisar possíveis diferenças entre o comportamento on-line e off-line dos membros do grupo *Seven*, contrastando-os. Assim, observaremos se os laços sociais (e comunicacionais) do mundo contemporâneo são atualizados e reformulados a partir de novas possibilidades proporcionadas pela tecnologia.

Como objetivos específicos, temos:

- Estudar as relações interpessoais off-line e on-line no grupo pesquisado, identificando as possíveis diferenças entre as duas formas de relacionamento e o grau de intimidade permitido em cada uma delas;
- Verificar como ocorre a afirmação/aceitação de um comportamento (homossexualidade), ainda estigmatizado pela sociedade, através da rede social;
- Investigar as interações on-line antes e depois dos encontros presenciais do grupo, para observar o possível estreitamento de laços entre os membros;
- Descobrir os benefícios e motivações que levaram à criação e expansão das atividades e eventos realizados, bem como o que mantém o grupo ativo.

A partir do conhecimento produzido será possível fazer uma inferência de como os relacionamentos no âmbito virtual se estruturam. Assim, as necessidades sociais e os papéis sociais de grupos semelhantes ao *Seven* poderão ser melhor entendidos.

BACKBONE / Quadro Teórico de Referência

A construção do problema requer estabelecer uma estrutura teórica. Para isso, é preciso mapear a literatura sobre o assunto e estabelecer proposições e limites da pesquisa. Seguindo as diretrizes do modelo metodológico de Lopes (2009), foi possível delimitar o Quadro Teórico de Referência, apresentado a seguir, para servir de base para as análises.

A realidade virtual

Surgiu na década de 1960 uma nova tecnologia que permitia a interligação global de computadores, que passa nos anos seguintes a ser conhecida como internet, ciberespaço ou

realidade virtual. A partir de 1990, essa tecnologia se populariza pela invenção da World Wide Web (www) por Tim Berners-Lee. Castells (2003) a considera, porém, mais do que uma simples tecnologia: é um meio de comunicação globalizado de interação e de organização social que garante as bases da *sociedade em rede*.

Assim, a partir do desenvolvimento e da difusão de seu uso, emergiram diversas questões para estudo, algumas apontadas por Ferreira (2007) e Castells (2003), como: a separação entre on-line e off-line; a compreensão das identidades virtuais e se estas são compatíveis com as identidades off-line; as relações de sociabilidade com o uso de ferramentas digitais; se estas relações são superficiais e inibem a manutenção dos laços face a face ou por telefone; o vício em sua utilização e suas consequências, entre outras.

Há os que atacam a internet, afirmando que ela aliena e isola de tal maneira que pode levar à depressão ou até ao suicídio. Graeml; Volpi e Graeml (2004) discorrem sobre até que ponto o uso excessivo da internet se torna uma dependência ou vício, e Marche (2012) explora a relação entre a internet e o sentimento de solidão. Porém, Castells (2003) conclui, a partir do resultado de várias pesquisas empíricas, que, ainda que a internet desenvolva comportamentos, ela não os modifica; na verdade, os indivíduos se apropriam da rede, ampliando e potencializando comportamentos existentes. Isso implicaria na compreensão de que as pessoas, como os integrantes do grupo *Seven*, não mudariam seu caráter somente devido à virtualidade.

Outros acadêmicos entendem que o estudo do ciberespaço é desnecessário, poie ele seria destinado apenas ao entretenimento e às relações efêmeras, sem repercussão no mundo off-line. O estudo de Parreiras (2008) – que se destaca na bibliografia estudada, pois analisa uma comunidade virtual brasileira voltada a homossexuais (Eper), na rede social Orkut – demonstra o equívoco dessa concepção, ao evidenciar a tensão entre os universos on-line e off-line. Ele mostra também a criação de relacionamentos presenciais a partir de comunidade virtual – aspecto que desejamos perceber se existe no grupo que investigamos.

A questão da sexualidade on-line também é destacada: para muitos dos membros da comunidade estudada pela autora, estar nela era uma forma de assumir a sexualidade. A maioria de seus membros era composta por jovens que apenas realizavam seu *coming out*¹

¹ Expressão em inglês equivalente a *sair do armário*, isto é, tornar pública a orientação sexual ou identidade de gênero.

no meio virtual, o que pode ser explicado por muitos residirem em cidades pequenas ou com suas famílias. A internet e as ferramentas disponibilizadas por ela acabavam por responder à ausência de um ambiente propício para conhecer outros homossexuais. A comunidade Eper era, assim, uma forma de seus membros vivenciarem suas sexualidades e compartilharem experiências de vida com os outros usuários.

Nas discussões entre os membros da comunidade, Parreiras (2008) também nota que no espaço on-line tudo pode ser dito, inclusive aqueles assuntos vetados no off-line. Ao oferecer anonimato, proteção e o contato com pessoas em situações semelhantes, a comunidade se tornou para os rapazes um meio de exprimirem seus desejos e construírem suas sexualidades de um modo diverso, mais livre, do que no mundo off-line.

Ao comentar uma série de investigações científicas sobre temáticas similares às discutidas, outra pesquisadora indica que os

[...] grupos virtuais, baseados em interesses e valores comuns, oferecem rica oportunidade para o surgimento de amizade e mesmo relacionamentos íntimos (McKenna et al., 2002; Byrne, 1971) e assemelham-se aos relacionamentos desenvolvidos pessoalmente em amplitude, profundidade e quantidade (Parkes; Floyd, 1995). O relativo anonimato e segurança proporcionados pelo uso da internet promovem um maior engajamento de pessoas estigmatizadas socialmente (Ferreira, 2007: 38).

Desse modo, continua a autora, “Parece correto afirmar que a internet tem um efeito positivo sobre os relacionamentos interpessoais [...]. A internet traz realidades que de outra maneira não estariam próximas do indivíduo” (Ferreira, 2007: 40).

Relacionamentos e internet

É interessante, agora, aprofundar as discussões sobre os relacionamentos e a internet. Para Caccioppo e Patrick (2008), a maioria das pessoas considera o amor, a intimidade e as relações sociais como os principais sentimentos associados à alegria, superando valores como a riqueza ou a fama. Muitos têm dificuldade em lidar com o sentimento de solidão, que independe da quantidade de relacionamentos interpessoais, mas sim de sua intensidade e qualidade. Segundo eles, numa perspectiva similar à de Castells (2003), as redes sociais digitais não são exatamente as responsáveis por tornar os indivíduos solitários, mas também não impedem a solidão. Isso acontece porque as mídias sociais são apenas

ferramentas, não criam nem destroem relacionamentos: apenas transferem os já consolidados para outra plataforma. Desse modo, os autores fazem uma analogia entre o Facebook e os automóveis: você pode usar um carro para buscar seus amigos, ou simplesmente ir de um lado a outro sozinho.

As considerações de Turkle (2010), a respeito das tecnologias digitais e as relações sociais, são mais pessimistas. A autora desenvolve uma teoria sobre a atual interação entre os mundos real e virtual, considerando os efeitos sobre as relações. Isso a levou a reavaliar ideias apresentadas em *Life on the Screen* (1995), adotando uma postura mais crítica frente à tecnologia². Isso aponta para o conceito de *alone together*, uma nova forma de estar a sós, ainda que com outros indivíduos:

Nós nos reconfiguramos como personalidades on-line ao qual damos novos corpos, lares, empregos e romances. Porém, de repente, à meia luz da comunidade virtual, podemos nos sentir absolutamente sozinhos. À medida que espalhamos nosso eu, nós o abandonamos. Por vezes, as pessoas sentem não ter se comunicado após horas de conexão. E relatam sentimentos de opressão ao prestarem pouca atenção. Em tudo isso, há uma questão incômoda: a intimidade virtual degrada nossa experiência de outro tipo e, de fato, de todos os laços de qualquer tipo? (Turkle, 2011: 11-12)

Em outras palavras, as tecnologias digitais permitem que concentremos nossa atenção somente no que nos interessa, e esse comportamento pode afastar os indivíduos uns dos outros, ainda que eles estejam sempre conectados. Os contatos estabelecidos a partir do uso de tecnologias são mais convenientes em um mundo no qual os indivíduos não desejam atar-se a outros: são mais rápidos, menos profundos, mais *editáveis*. Ao mesmo tempo, a internet oferece, sobretudo para os jovens, as bases para que eles explorem quem são e quem eles desejam ser, o que daria origem à ansiedade, aumentando a pressão social e estimulando muitos deles a construir e editar constantemente seu *eu* na internet.

A complexidade da questão explica as divergências conceituais que, dificilmente, pode ser polarizada em causas e consequências, pois o que ocorre é uma mistura de ambas. A internet mudou as perspectivas de espaço e tempo, não apenas nos relacionamentos, mas também nas exigências do trabalho ou mesmo nos estudos. A emergência de grupos como o *Seven* encontra-se inserida nesse novo cenário, onde a internet se tornou uma mediação expressiva nas relações entre indivíduos com características e interesses similares.

² Além dos trabalhos escritos pela autora, citados no texto, ela ministrou uma conferência, gravada em vídeo, sobre o tema, disponível em: <<https://goo.gl/uuehRn>>. Último acesso: 30 ago. 2017.

ASSUMPTIONS / Hipóteses

Como discute Lopes (2009), a construção de hipóteses tem como objetivo orientar a investigação, pois essas afirmações condicionais conduzem a observação, favorecendo a conexão entre a teoria e a investigação empírica, a teoria e o fato.

A partir das leituras e discussões realizadas, portanto, é possível desenvolver algumas hipóteses, que serão avaliadas ao fim da pesquisa. A hipótese central visa analisar a diferença entre os comportamentos de um indivíduo nos ambientes on-line e off-line. As hipóteses secundárias sustentam a principal, a fim de auxiliar o entendimento do tema.

- *Hipótese principal*: Há diferença entre o comportamento manifestado pelos integrantes do *Seven* no grupo virtual e fora da internet, visto que a rede possibilita uma modelagem da *representação do eu*.
- *Hipótese secundária 1*: Considerando que na web os laços sociais podem se apresentar mais superficiais, as relações pessoais entre os integrantes do grupo tendem a ser intensificadas quando o contato virtual é complementado pelo contato no mundo físico. Sendo assim, o *Seven* funciona como uma extensão e não como substituição dos relacionamentos sociais do mundo off-line.
- *Hipótese secundária 2*: As conversas no grupo *Seven* não possuem caráter íntimo e/ou pessoal, pois a partir do estabelecimento de subgrupos de amigos, tais conversações migram para formas mais privadas (como *mensagens* do Facebook).
- *Hipótese secundária 3*: A faculdade ou instituto em que se estuda interfere na relevância adquirida pelo *Seven-USP*, assim como na frequência de acesso ao grupo. Dessa forma, indivíduos de faculdades tidas como mais *liberais* seriam menos participativos do que os de institutos mais *tradicionais* ou *rígidos*.

WORKFLOW / Metodologia do estudo

Conforme Lopes (2009), a fase de *definição de um objeto de estudo* é composta por três pontos intrinsecamente conectados: 1) problema de pesquisa, 2) quadro teórico de

referência, e, por fim, 3) hipóteses. A partir daí, é possível iniciar o planejamento efetivo da investigação, selecionando procedimentos metodológicos para a aplicação coerente de técnicas de pesquisa. Isso está ligado à *fase de observação*, na qual se compõe a amostra da pesquisa e se escolhem as estratégias para a coleta de dados.

Dentro do estudo de caso do grupo *Seven*, optamos pela amostra e pelo conjunto de amostra/técnicas de pesquisa descritas nesta seção. Antes de expor isso é importante, porém, notar a preocupação ética que norteou o trabalho. Foram feitas leituras sobre o tema (Kozinets, 2010; Romancini, 2010) e também discussões, para que a pesquisa fosse coerente com preocupações com a justiça e a proteção da integridade dos envolvidos. A afirmação de Kozinets de que a “base uma netnografia ética é a honestidade entre o pesquisador e os membros da comunidade on-line” (2010: 147) foi central. Assim, nos identificamos no início da pesquisa e buscamos, a todo o momento, respeitar a comunidade virtual, para que a investigação não causasse dano ou alarme ao grupo. Estabelecemos boas relações, marcadas pela cordialidade, com os membros do *Seven* participantes da pesquisa. Tivemos a preocupação em não ferir a intimidade ou a vida pessoal, prejudicando de alguma forma os participantes, nem promover a exposição de nenhum integrante do grupo. Desse modo, a exposição de dados preserva o anonimato dos participantes (com o uso de nomes fictícios), assim como foi assegurada a eles a confidencialidade dos dados obtidos.

As técnicas de coleta de dados, para as respectivas amostras, foram:

Observação direta passiva (não participante): utilizada no início e ao longo de todo o estudo, sem interação entre observadores e os membros da comunidade investigada, com o objetivo de propiciar familiarização com o objeto empírico e coletar evidências.

Questionário quantitativo on-line: divulgado abertamente nas *timelines* do Facebook dos autores do trabalho, bem como dentro do grupo *Seven-USP*, visando obter dados de interesse para a pesquisa. É interessante notar a inexistência de rejeição, dentro do grupo, ao uso dessa técnica – ao contrário, os membros do *Seven* mostraram-se empolgados com a realização da pesquisa. Ao longo dos cinco dias em que esteve disponível, obtivemos 93 respostas, sendo 60 de participantes do *Seven*. O objetivo da divulgação do questionário fora da comunidade foi obter uma base de comparação. É claro, que pelas características amostrais sabemos da impossibilidade de generalizar os resultados. No entanto, os dados trazem indicadores que permitem análises, com essa ressalva.

Entrevistas qualitativas: realizamos um conjunto de entrevistas com membros do *Seven-USP*, tanto por meio da plataforma digital quanto pessoalmente. Foram entrevistados: um dos criadores da comunidade e dez participantes. Procuramos diversidade, com respeito ao pertencimento às unidades da USP, desse modo, dois são da Escola Politécnica (POLI), dois são da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), um do Instituto de Matemática e Estatística (IME), um da Faculdade de Direito (SanFran), um da Escola de Comunicações e Artes (ECA), um do Instituto de Física (IF), um da Faculdade de Economia e Administração (FEA) e um da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) (todos de graduação) e um mestrando do Instituto de Biociências (IB).

Os instrumentos de pesquisa (questionário e roteiro de entrevista) foram submetidos a testes, para perceber o grau de compreensibilidade, redundância e possível ambiguidade das indagações, bem como tentar minimizar possíveis vieses. Feito isso, iniciamos a coleta de dados para iniciar as análises descritiva e interpretativa, sendo que nessa última fase procuramos fazer a triangularização dos dados e a discussão das hipóteses levantadas.

DEMO / Análise descritiva

Como observa Lopes: “A descrição faz a ponte entre a fase de observação dos dados e a fase da interpretação e, por isso, combina igualmente em suas operações técnicas e métodos de análise” (2009: 149). Assim, ela é primeira etapa de análise dos dados, mostrada na sequência.

Questionário quantitativo

Apresentamos agora os resultados do questionário quantitativo separados em três etapas. A primeira busca identificar o perfil dos participantes, demonstrando suas características e diferenças. A segunda tem o objetivo de entender o uso do Facebook pelos usuários. Por fim, a terceira é mais específica, dirigindo-se à comunidade *Seven-USP*.

Perfil dos entrevistados

As tabelas a seguir, todas elaboradas pelos autores a partir dos dados investigação, mostram características dos dois tipos diferentes de participantes, conforme explicado na seção metodológica: os 60 membros do *Seven* e os 33 não participantes.

Tabela 1. Idade dos participantes

Faixa etária/ participantes	Membros Seven		Não membros	
	N	%	N	%
Entre 16 e 20 anos	27	45	24	73
Entre 21 e 25 anos	28	47	6	18
Entre 26 e 30 anos	3	5	2	6
Mais de 30 anos	2	3	1	3
Total	60	100	33	100

Tabela 2. Universidades dos participantes

Universidades/ participantes	Membros Seven		Não membros	
	N	%	N	%
USP	56	93	29	88
Outras	4	7	4	12
Total	60	100	33	100

Tabela 3. Gênero dos participantes

Gênero/ participantes	Membros Seven		Não membros	
	N	%	N	%
Masculino	54	90	11	33
Feminino	6	10	22	67
Total	60	100	33	100

Tabela 4. Orientação sexual dos participantes

Faixa etária/ participantes	Membros Seven		Não membros	
	N	%	N	%
Homossexual	47	78	2	6
Heterossexual	2	4	30	91
Bissexual	11	18	1	3
Total	60	100	33	100

Como se pode perceber, comparando-se os perfis dos grupos de participantes do *Seven* com o de não membros, nota-se que o primeiro é composto principalmente por homens (90%), homossexuais (78%), enquanto no segundo grupo a maioria é feminina (67%) e de pessoas heterossexuais (91%). Em ambos os casos, os participantes estudam majoritariamente na USP (93% no caso do *Seven*, e 88% no outro grupo) e as principais faixas etárias são até 25 anos – poucos informam ter mais do que 30 anos (3% nos dois grupos).

Usos do Facebook

Novamente, a seguir, procuramos caracterizar usos do Facebook pelos grupos investigados com teor comparativo. A Tabela 5, que mostra o tempo de uso semanal do Facebook, indica uma ligeira tendência de maior utilização pelos membros do *Seven*, já que as faixas de tempo com mais uso possuem maior número percentual de usuários desse grupo.

Por outro lado, os dados sobre locais de acesso ao Facebook e atividades realizadas nessa plataforma foram agrupados em gráficos, pois permitiam respostas de múltipla escolha.

Tabela 5. Tempo semanal de uso do Facebook

Tempo de uso/participantes	Membros Seven		Não membros	
	N	%	N	%
Menos de 10 horas	8	13	5	15
Entre 10 e 20 horas	10	17	10	30
Entre 20 e 30 horas	17	28	8	24
Entre 30 e 40 horas	16	27	7	21
Mais de 40 horas	9	15	3	9
Total	60	100	33	100

Gráfico 1. Local de acesso ao Facebook (múltipla escolha)

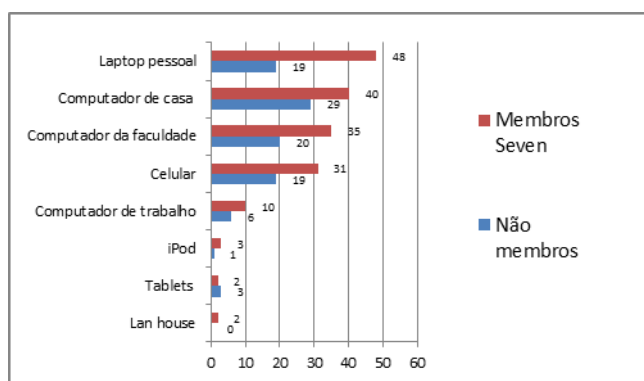
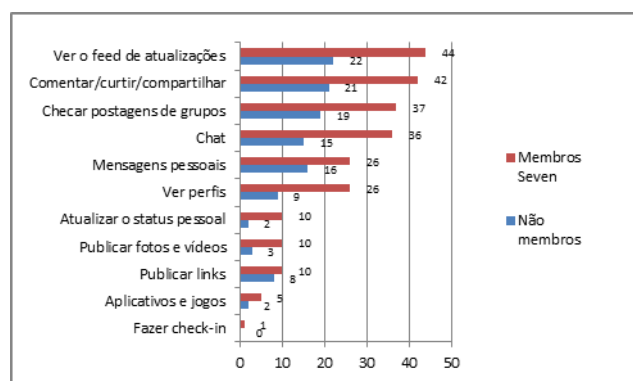


Gráfico 2. Tipos de uso do Facebook (múltipla escolha)



A propósito dos dados dos gráficos, apesar da relativa similaridade entre os perfis dos dois grupos, chama a atenção, no caso dos locais de acesso do Facebook, a tendência dos participantes do *Seven* de utilizarem laptop pessoal mais do que os indivíduos que não são membros desse grupo. Talvez isso se deva a uma tentativa de obter maior privacidade. Quanto aos tipos de atividades realizadas na rede social, as principais diferenças, em termos de tendência, são relativas ao número maior de membros do *Seven* que veem outros perfis, sendo que eles tendem também a publicar mais fotos/vídeos e atualizar seu status.

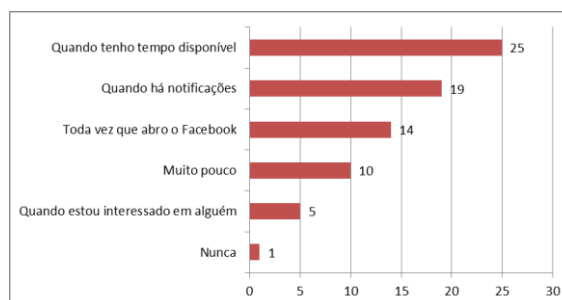
Participação no Seven-USP

Por fim, a terceira etapa visa a entender como é a participação dos membros da comunidade, relacionando-se mais às hipóteses. Primeiramente, é interessante perceber que dentre as 60 pessoas da amostra, cerca de 50% também participam de outros grupos LGBTT fechados do Facebook. Ao mesmo tempo, 31 pessoas (52% dos membros do *Seven* pesquisados) avaliam que têm uma participação *ativa* no grupo; entretanto, como mostra o Gráfico 3, a maior parte mais acompanha o grupo do que produz conteúdos.

Gráfico 3. Atividades realizadas no Seven (múltipla escolha)



Gráfico 4. Frequência de acompanhamento (múltipla escolha)



Sobre a frequência de acompanhamento, os dados do Gráfico 4 indicam que ela se dá sobretudo quando a pessoa tem tempo disponível e quando ocorrem notificações, mas parte do grupo (14 pessoas, 23% da amostra) faz isso sempre que abre o Facebook.

Outro ponto importante, mostrado nos Gráficos seguintes, é a percepção dos membros sobre os pontos fortes e fracos do *Seven-USP*. Nesse aspecto, nota-se clara preponderância de fatores positivos, o que indica a valorização e a pertinência do grupo.

Gráfico 5. Pontos positivos do Seven (múltipla escolha)

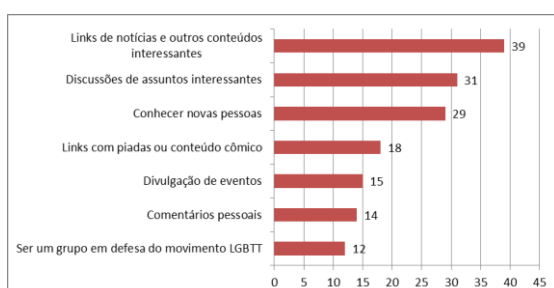
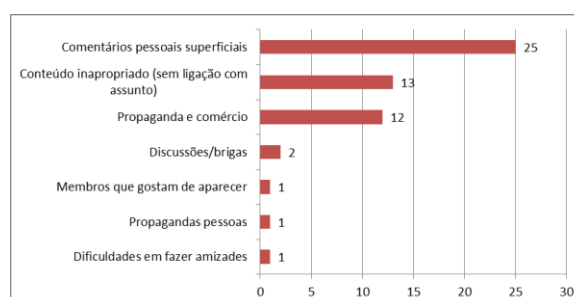


Gráfico 6. Pontos negativos do Seven (múltipla escolha)



Por fim, é interessante analisar o comportamento das pessoas dentro da comunidade. Conforme os dados obtidos, 26 pessoas (43% da amostra) já fizeram novas amizades através do *Seven*, e a maioria delas acabou levando o relacionamento para fora da rede; enquanto outras 25 pessoas conhecem pessoalmente algum (ou mais de um) membro do grupo. Por outro lado, a grande maioria dos participantes (46, correspondendo a 77% da amostra) diz não observar mudanças de comportamento das pessoas dentro (on-line) e fora (off-line) da comunidade *Seven*.

Entrevistas qualitativas

Inicialmente, nesta parte, é interessante sintetizar algumas informações sobre as pessoas que deram entrevistas, conforme mostra a Tabela 6.

Tabela 6. Características dos entrevistados

Nome (fictício)	Idade	Inst. USP	Participa de outros grupos LGBTQ	O que mais gosta no Seven	Foi a encontros promovidos no Seven	Fez novas amizades no Seven
Rafael	19	IME	Sim	Multiculturalidade	Sim	Sim
Felipe	20	POLI	Não	Integração entre pessoas	Sim	Sim
Paulo	20	SanFran	Sim	Discussões, membros	Sim	Sim
Mário	26	IB	Sim	União da comunidade gay da USP	Sim	Sim
Antônio	22	POLI	Sim	Diversão	Sim	Sim
Airton	17	ECA	Não	União da comunidade gay da USP	Não	Não
Caio	18	FAU	Sim	Troca de experiências	Sim	Não
Daniel	21	FAU	Sim	União da comunidade gay da USP	Não	Não
Jorge	-	EACH	Sim	União da comunidade gay da USP	Não	Não
Gabriel	23	IF	Sim	União da comunidade gay da USP	Sim	Sim
Guilherme	23	FEA	Sim	Assuntos divulgados	Não	Não

É interessante comparar o perfil de todos os envolvidos na coleta de dados. Como mostrado, a pesquisa foi respondida por membros do *Seven* e não membros. Ao convidarmos pessoas para as entrevistas qualitativas chegamos a indivíduos que declaram preferência homossexual e estão na faixa entre 17 e 26 anos – o que é bastante congruente com os dados quantitativos anteriores. Outra evidência desse perfil é o resultado das observações da dinâmica da página do grupo no Facebook.

A propósito dos dados das entrevistas qualitativas, alguns disseram ter realizado amizades através do grupo (6 de 11) e grande parte deles ultrapassou o limite do virtual. O conhecimento e a interação face a face com os membros conhecidos por meio do grupo acarretava um maior grau de intimidade e confiança, percebidas pelos entrevistados. Por outro lado, houve casos de entrevistados que conversavam com membros do *Seven-USP* pela internet e, apesar de terem conhecido alguns desse amigos em encontros presenciais, não consideravam tais amizades tão efetivas quanto as que já possuíam anteriormente: eram apenas “bons conhecidos”. Mesmo nesses casos, eles disseram que tinham conversas mais pessoais com os membros que conhecem pessoalmente.

Apenas o fundador do grupo, Caio, da POLI, já participou de encontro promovido pelo *Seven*; outros membros (7 dos 11) disseram ter encontrado participantes do grupo em

festas divulgadas nele (porém não realizadas pelo grupo). Alguns disseram “ter vontade” de ir a algum dos encontros, parece-lhes faltar apenas coragem para isso.

A frequência de acesso ao *Seven-USP* varia conforme os entrevistados, porém, nota-se um maior índice por parte dos membros pertencentes a faculdades tradicionalmente conhecidas como menos *abertas* na aceitação de indivíduos não heterossexuais, como POLI e IME. O contrário ocorre em faculdades como a FAU e a ECA, onde a identidade real dos estudantes não heterossexuais aproxima-se mais daquela que é externada virtualmente, o que possibilita também um maior reconhecimento e agregação desses indivíduos. O contrário ocorre nas faculdades mais *fechadas*, em que a existência de grupos (virtuais ou não) LGBTT representa o fortalecimento da consciência – tanto dos não heterossexuais quanto dos demais estudantes – da existência dessas pessoas naquele local. O grupo virtual também facilita a integração e o agrupamento de discussões próprias dos estudantes desse público: o próprio fundador do grupo é um aluno da POLI.

Apesar da problemática levantada por algumas entrevistados acerca do propósito não definido do *Seven-USP*, a maioria chega a um consenso sobre a importância do grupo em termos da promoção da união dos estudantes LGBTT da Universidade de São Paulo. Dessa forma, o grupo ampliaria a possibilidade de se conhecer pessoas que tendem a se interessar por assuntos e temas semelhantes.

DEBUG / Análise interpretativa e discussão das hipóteses

De acordo com o modelo metodológico (Lopes, 2009), a segunda etapa analítica é a *interpretação dos dados*, na qual se busca a explicação dos mesmos a partir do quadro teórico adotado. Aqui, desenvolvemos essa fase junto com a discussão das hipóteses.

Assim, partindo inicialmente da *hipótese principal*, podemos entendê-la como *inconclusiva*. Por meio das respostas do questionário quantitativo e da entrevista, não há como afirmar assertivamente que todos os membros do grupo apresentam comportamento diferente no *Seven* e no meio off-line. A maioria (77%) das respostas do questionário quantitativo indica que o indivíduo não muda seu comportamento no mundo virtual. Porém, tanto nas entrevistas qualitativas quanto justificativas dos que responderam à pesquisa quantitativa, percebe-se que as pessoas observam mudanças no comportamento

alheio. Dessa forma, o *outro* é multifacetado, ao contrário do *eu*. Nas palavras de um dos participantes: “sou no *Seven* [o que] sou na minha vida pessoal”. Os poucos que notam alguma distinção em si justificam-na pelo fato do grupo ser *gay-friendly* e assim permitir comentários que não seriam feitos em outros contextos.

Portanto, não é possível generalizar mudanças de comportamento entre o que é vivido no grupo on-line e fora dele, entre todos os participantes do *Seven*. Ainda assim, confirma-se a ideia de que há uma *edição* do que é dito: as pessoas escolhem as palavras a serem utilizadas e se esforçam para serem mais agradáveis e simpáticas. Entretanto, o contrário também ocorre: ideias mais fortes, radicais, agressivas são sustentadas mais facilmente no meio on-line. Há evidências disso tanto nos dados quantitativos quanto nas entrevistas.

Com relação à *hipótese secundária 1* (sobre a extensão e não substituição de relacionamento, devido à interação on-line), a definimos como *aceita*. Vemos que 43% dos participantes do *Seven* que responderam ao questionário quantitativo fizeram novas amizades, graças ao ambiente virtual e a grande maioria deles transferiu essas amizades para o meio off-line. Também seis dos entrevistados fizeram novas amizades no ambiente virtual, e todos (inclusive pelas características de inserção) conhecem alguém do grupo pessoalmente. Isso pode ser explicado pela facilidade de marcar encontros (já que todos são da mesma universidade) e ter sido apontada, conforme várias entrevistas, a necessidade do contato off-line para a concretização de amizades. Os entrevistados afirmaram que as conversas na rede, mesmo que privadas, são mais superficiais quando os interlocutores não se conhecem fisicamente. Muitas dessas relações, no entanto, são mantidas mais pelo contato on-line após encontro off-line. A internet nesse caso serve como potencializadora e catalizadora de novas relações. Um entrevistado conheceu seu namorado no *Seven*, enquanto outro fez contato inicial com seu companheiro de república pelo grupo.

A *hipótese secundária 2* (sobre a ausência de exposições de natureza mais íntima no grupo) mostrou-se *aceita*. A observação das postagens do grupo evidenciou esse fato. O máximo de exposição da intimidade foram publicações do tipo: “estou triste, alguém para me fazer companhia?”, desvirtuando o tópico de discussão em que surgiam e, assim, não ocasionando uma superexposição do autor. Tais postagens parecem mais tentativas de iniciar conversas – o que estaria relacionado à mencionada questão da solidão – do que propostas de discussão sobre aspectos íntimos.

Além disso, a pesquisa indicou, como aspecto altamente elogiado no *Seven* pelas entrevistas quantitativas, a postagem de links de notícias, sites e outros conteúdos de interesse da comunidade. Os próprios entrevistados notaram que os comentários publicados no grupo não tinham caráter íntimo.

A hipótese secundária 3 (sobre a relação entre o local onde se estuda e a relevância do *Seven*) também foi aceita. Isso ocorre, sobretudo, em função das respostas qualitativas das entrevistas, ainda que seja um julgamento pessoal do grupo definir se uma faculdade é mais *tradicional* ou *liberal*. Porém, seguindo nossas referências teóricas que amparam essa inferência, indivíduos que se encontram em um contexto em que são bem aceitos parecem possuir menos interesse em buscar novas amizades na rede, pois já estão bem *socializados*.

Entretanto, os indivíduos mais tímidos ou estigmatizados tendem a procurar na internet suas amizades, justamente por ela permitir a *edição do eu* (comentada na hipótese principal). Assim, as faculdades de cursos mais tradicionais como Direito, Matemática e Engenharia, nas quais o senso comum afirma que o homossexual é menos aceito, geram uma maior procura de seus alunos por grupos virtuais onde não tenham medo de serem identificados como homossexuais, tendo oportunidade de estabelecer novas amizades e até relacionamentos íntimos a partir do relativo anonimato e segurança proporcionados por esses grupos. A entrevista que melhor evidenciou isso foi a do estudante do IME, que comentou a menor liberdade dos homossexuais em sua faculdade e apontou que o *Seven* e outro grupo virtual criado por ele mudaram essa situação de isolamento deles.

LOGOUT / Considerações finais

O planejamento da pesquisa seguiu a estrutura de um estudo de caso, passando pelas fases de definição do objeto, estruturação teórica, observação, descrição e interpretação. Nota-se a importância da definição clara dos objetivos da pesquisa, no início do trabalho, pois isso representa a base de todo o seu desenvolvimento.

As escolhas metodológicas são um ponto crítico de qualquer trabalho científico, como discute Lopes (2009), e em nosso caso não foi diferente. Temos ciência, portanto, que a generalidade dos resultados é limitada pelas opções amostrais e tipos de dados utilizados. Porém, os resultados da pesquisa são válidos, tanto do ponto de vista do conhecimento

construído – indicando características de um grupo social específico que parece, em seu uso da internet, escapar dos riscos da solidão compartilhada a que se refere Turkle (2011) – quanto do aprendizado acadêmico propiciado pela realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

CACIOPPO, John T.; PATRICK, William. *Loneliness: Human Nature and the Need for Social Connection*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2008.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 255-287.

FERREIRA, Aline Cristiane Lemos. *Desenvolvimento moral e uso de redes sociais de relacionamento na Internet: uma relação possível?*, 2007. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/PUFser>>. Acesso em 8 set. 2017.

GRAEML, Karin Sylvia; VOLPI, José Henrique; GRAEML, Alexandre Reis. O impacto do uso (excessivo) da Internet no comportamento social das pessoas. *Revista Psicologia Corporal* (José Henrique Volpi e Sandra Mara Volpi, Orgs.), v. 5, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/yriUbz>>. Acesso em 8 set. 2017.

KOZINETS, Robert V. Conducting Ethical Netnography. In: _____. *Netnography: doing ethnographic research online*. Londres: Sage, 2010. p. 136-156.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação*. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

MARCHE, Stephen. Is Facebook making us lonely? *Atlantic Magazine*, maio 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/Qx5Uic>>. Acesso em: 5 maio 2012.

PARREIRAS, Carolina. *Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*, 2008. 209 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Unicamp, Campinas, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/G2K7Jg>>. Acesso em: 3 mai. 2012.

ROMANCINI, Richard. A ética da pesquisa na rede. In: CONGRESSO DE BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul, *Anais eletrônicos...* Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/Fgge4o>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

TURKLE, Sherry. *Alone Together: Why we expect more from technology and less from each other*. Boston: Basic Books, 2011.

_____. *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1995.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Ética da pesquisa em Comunicação

Markham (2006) defende que o pesquisador deve entender a ética como componente intrínseco do método e vice-versa. Essa concepção se ajusta ao Modelo Metodológico, pois esse tem como elemento central as *opções* e *decisões* feitas pelo pesquisador ao longo do trabalho, e as questões éticas incluem-se, naturalmente, no rol das preocupações. Porém, sobretudo em termos da formação do jovem pesquisador, é importante oferecer contribuições a propósito do tema. Trabalhos como os de Romancini (2010) e Kozinets (2014) oferecem contextualizações que podem servir para subsidiar atividades como:

- Solicitar que os estudantes localizem possíveis questões éticas relacionadas a suas propostas de pesquisa e reflitam sobre como podem agir de maneira apropriada. A discussão coletiva dessa atividade pode ser bastante interessante.
- Discutir possíveis consequências, para os participantes e o próprio investigador, que uma pesquisa pode ter. Se o professor tem exemplos, o debate pode ser enriquecido. Em certos cursos, pedimos que os alunos lessem uma reportagem sobre um tweet desastroso (Ronson, 2015). Embora não se trate de uma investigação, o caso mostra as consequências negativas inesperadas de uma ação.
- Debater a abordagem da ética no artigo *Relacionamentos dentro e fora de uma rede social digital: análise dos participantes do grupo Seven*.

REFERÊNCIAS

KOZINETS, Robert V. Realizando netnografia ética. In: _____. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 129-146.

MARKHAM, Annette. Ethic as Method, Method as Ethic: A Case for Reflexivity in Qualitative ICT Research. *Journal of Information Ethics*, vol. 15, n. 2, p. 37-54, 2006.

RONSON, Jon. How One Stupid Tweet Blew Up Justine Sacco's Life. *The New York Times Magazine*, 12 fev. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/aD2xLa>>. Acesso em: 05 out. 2017.

ROMANCINI, Richard. A ética da pesquisa na rede. In: CONGRESSO DE BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul, *Anais eletrônicos...* Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/Fgge4o>>. Acesso em: 15 jun. 2016.